

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

ENTRE ESCOLHAS E INCERTEZAS: A UTILIZAÇÃO DA ABORDAGEM MICRO-ANALÍTICA NA HISTÓRIA SOCIAL

Lívia Nascimento Monteiro*

A Micro-história italiana: suas propostas

O tema da micro-história ganha, a cada dia, um lugar importante nos debates entre os historiadores, especialmente os brasileiros. Foram os italianos os primeiros a desenvolverem essa experiência de abordagem, em resposta a uma crise, ou melhor, a um certo estado em que se encontrava a História Social. Por tal motivo, a micro-história tem sido definida como um “sintoma historiográfico”.

Até o final dos anos de 1970, a História Social, inspirada nos Annales, priorizava a longa duração, a regularidade e a medição dos fenômenos sociais. De acordo com Jacques Revel, o objeto de estudo científico investia no repetitivo e nas regularidades com privilégio aos estudos dos agregados mais maciços possíveis e com uma duração longa para tornar observáveis os fenômenos e as transformações globais. Os métodos de pesquisa se inscreviam numa perspectiva macro-histórica, sem uma variação de escala de observação¹. A quantificação e a seriação eram os métodos utilizados.

Foi no final dos anos de 1970 e início de 1980 que os grandes paradigmas norteadores das Ciências Sociais, como os Annales e o marxismo, começaram a serem questionados. Ainda de acordo com Revel, várias questões somadas contribuíram para esse questionamento da abordagem macrosocial, como o próprio avanço da informática, que tornava possível o armazenamento de dados mais maciços, e assim questionando as pesquisas quantitativas. Soma-se também, de acordo com Revel, a forte tendência à especialização².

Desse modo, entrava em crise a proposta dos historiadores sociais de um entendimento global da realidade. A micro-história, portanto, nasceu como uma resposta a essa crise. Por tais motivos decorre a ausência de um grande texto fundador, apesar da existência de artigos definidores da proposta. Um pequeno grupo de historiadores italianos envolvidos em torno da

* Mestranda em História Social na UFRJ. Bolsista Cnpq. E-mail: lnascimentomonteiro@gmail.com

¹ REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 16 e 17.

² Idem, p 18 e 19.

revista “Quaderni Storici” foram os primeiros a lançar tais artigos, como Carlo Ginzburg, Carlo Poni, Edoardo Grendi e Giovanni Levi. Uma prática historiográfica da qual sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. De acordo com Revel, para a micro-história não existe um corpo de proposições unificadas, nem uma escola, menos ainda uma disciplina autônoma, a micro-história é inseparável de uma prática dos historiadores das incertezas, de uma experiência de pesquisa. Para Giovanni Levi, a abordagem micro-histórica enriquece a análise social, pois a torna mais complexa, leva em conta os diferentes aspectos inesperados e incertos.

A micro-história ao reduzir a escala de observação, num distanciamento em relação à História Social de caráter “macro”, escolhe uma escala de observação que produz efeitos de conhecimentos. Revel afirma: “*variar a escala de observação não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e trama*”.³ Nesse princípio, o que conta é a variação da escala. Para Giovanni Levi, a escolha de uma escala de observação significa escolher um instrumento analítico que não é neutro, é uma escolha estratégica que envolve a própria significação da pesquisa.

Paul-André Rosental afirma que a micro-história pretende modificar a percepção dos objetos conhecidos, apresentando-o sob diversos ângulos até mesmo contraditórios. Assim faz da escala, e mais precisamente, do jogo entre as escalas de análise, um dos conceitos centrais para a prática histórica. Para Carlo Ginzburg, a micro-história,

*(...) por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula.*⁴

Para Giovanni Levi, não se deve confundir micro-história e história local, pois não existe a divisão entre macro e micro, a redução de escala serve para entender a história geral, *a micro-história parte de problemas macro-históricos e vê no nível micro a chance de analisar tais problemas*⁵. A micro-análise consegue captar o funcionamento de mecanismos que o nível macro não consegue.

Diferentemente das abordagens funcionalistas e estruturais, a proposição da micro-história tenta construir uma modalidade atenta, sobretudo, aos indivíduos em suas relações

³ Ibidem, p. 20.

⁴ GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: _____ *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro, 1991, p. 177 e 178.

⁵ FRAGOSO, João Luis Ribeiro. Alternativas Metodológicas para a História Econômica e Social: micro-história italiana, Fredrik Barth e história econômica colonial. In: ALMEIDA, Carla M. Carvalho, OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Nomes e Números: alternativas metodológicas para a História Econômica e Social. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. p. 29.

com outros indivíduos. De acordo com Revel, a escolha do individual não é vista como contraditória à do social:

*ela torna possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino, particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meadas das relações nas quais ele se inscreve.*⁶

Ao perceber os indivíduos em seus aspectos mais diversos da experiência social, constatamos o quanto a micro-história italiana teve inspiração na obra do norueguês Fredrik Barth. O antropólogo trabalha com importantes noções como: incertezas, incoerências, espaço dos possíveis, por isso sua grande influência nas obras dos micro-historiadores italianos.

Vejamos.

Para Barth, a sociedade é formada por sistemas sociais que são fraturados por incoerências e fragmentos, diferente das abordagens macrosociais que vêem o mundo integrado regido por normas coerentes; há heterogeneidades. Para o antropólogo, o comportamento social não resulta de uma obediência mecânica a um sistema de normas; se a sociedade é fragmentada, os indivíduos se envolvem de maneiras diversas, e não de forma mecânica e sistematizada. Barth privilegia como unidade de observação a interação entre as pessoas.

Desta forma, as ações dos atores são resultados das escolhas e das estratégias que eles tomam, de acordo com os recursos que possuem. Portanto, se as escolhas dependem dos recursos, juntamente com esses processos, surgem as incertezas e imprevisibilidades nas interações dos indivíduos. Nas suas palavras: *o conceito de escolha não pode passar despercebido, o problema central se torna quais são os constrangimentos e incentivos que canalizam as escolhas dos indivíduos*⁷. Barth deseja explorar até que ponto podem ser explicados os padrões de forma social se assumirmos que eles são resultados cumulativos de várias escolhas e decisões.

Tais proposições de Barth tiveram inspiração na Teoria dos Jogos. Por tal teoria os agentes sociais são vistos como atores, posicionados em suas ações, capazes de tomar decisões. Porém, apesar de serem livres para tomar tais decisões, os atores se vêem “obrigados” a agirem dentro de uma margem de manobra, é um processo incerto, pois as ações dos indivíduos à sua volta têm que ser levadas em conta. O indivíduo é limitado pela

⁶ REVEL, Jacques. Op. cit. p. 22.

⁷ BARTH, Fredrik. *Process and form in social life*. Vol.1, London: Routledge & Kegan Paul, 1981, p. 34.

incerteza. Deste modo, esse modelo permite demonstrar o porquê alguns atores específicos agem da maneira como agem⁸.

Outro conceito muito utilizado nas discussões teóricas de Fredrik Barth é o de “valores”. Valores são os parâmetros pelos quais os indivíduos medem suas perdas e seus ganhos⁹. Quando os indivíduos têm que tomar decisões, optar por algo, são os “valores” que vão orientá-los. O sujeito em si já comporta um sistema de normas e valores, que norteiam suas ações. A partir disso, as pessoas agem de acordo com seus recursos e interesses, porém esses recursos são desiguais. O sistema de normas é fragmentado. A partir disso se estabelece as estratégias.

O objetivo final da proposição de Barth é que o pesquisador revele *modelos generativos* em oposição a modelos fechados aos quais se apegam as abordagens macrosociais. O *modelo generativo* de Barth procura dar conta da realidade social como um todo: as características gerais, as regularidades da vida social, e o mais interessante no argumento de Barth é seu modelo teórico foi desenvolvido para explicar como e porquê essas regularidades são geradas, um modelo que explique a realidade em movimento, daí *modelo generativo*¹⁰.

Entre escolhas e incertezas

Muitos estudos referentes ao período colonial brasileiro “usam” e “abusam” da micro-história italiana. É interessante percebermos o quanto a assimilação de tal abordagem tem sido útil para nós, historiadores coloniais.

Diversos estudos sobre a colonização portuguesa interpretaram tal período com a utilização de conceitos gerais produzidos para a realidade europeia em geral, como exemplo, a explicação para a colonização como um passo importante para a transição do feudalismo para o capitalismo, na fase de acumulação primitiva de capitais, assim sendo, a colônia serviria apenas para mandar os excedentes econômicos para a Metrópole, isso explicaria a sociedade colonial, num encaixe ao modelo de explicação marxista.

⁸ Idem, p. 21-22.

⁹ ROSENTAL, Paul-André. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, Jacques (org.). *Op. cit.*, pp. 151 e 152.

¹⁰ BARTH, Fredrik.. *Op. Cit.* p. 32-34

Ao buscarmos entender a colonização portuguesa nas suas vastas áreas coloniais, percebemos que a realidade do Antigo Regime português não poderia passar despercebida¹¹. Para entender o porquê desta colonização, a capacidade de negociação que as colônias tinham, as vicissitudes locais e a própria “vida na colônia”, recorreremos à abordagem micro-analítica, com a percepção das interações sociais, das incertezas e escolhas dos agentes envolvidos. A micro-história ao propor um método, uma abordagem que fugiria das explicações estruturais e mecânicas da sociedade, cairia como uma luva para os historiadores: as hierarquias sociais, o exercício do mando, os escravos, os libertos, os comerciantes, tudo que compunha a colônia só poderia ser visualizado a partir de uma observação a nível micro. A dinâmica imperial nunca mais seria a mesma.

A leitura da obra de Giovanni Levi, *A herança imaterial*, serviu muito aos historiadores brasileiros que buscavam novas alternativas de pesquisa. Na região italiana do Piemonte, no final do século XVII, Giovanni Levi apresenta-nos o processo de surgimento do Estado Moderno, porém, de uma forma diferente, pois o autor nos revela as interações desse processo que somente com o recurso da micro-análise puderam ser percebidas. Com base na racionalidade do mundo camponês, Levi nos apresenta as práticas cotidianas dos habitantes de Santena e de outras vilas no seu esforço de ‘encontrar respostas aos problemas vindos da grande história’.¹²

Levi pretende com esse livro nos mostrar as diversidades das formas de vida social, e para isso fez uma coleta intensiva dos vestígios biográficos dos moradores de Santena, entre fins do século XVII e início do XVIII. Mais de 33.000 referências nominais, com o objetivo de,

*(...) fazer aparecer, por trás da tendência mais visível, as estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes atores em função de sua posição e de seus recursos respectivos, individuais, familiares, de grupo etc.*¹³

Dessa maneira, Levi traça as estratégias empregadas pelos grupos de Santena, para se manterem nas suas posições e diminuir o nível de incerteza de suas vidas. Conforme apontou Revel, a estratégia é personagem central no livro, pois as estratégias familiares detectadas pelo autor, visavam o melhor controle “sobre o futuro”, uma previsibilidade dos

¹¹ FRAGOSO, João & GOUVÊA, BICALHO, Maria Fernanda Baptista & GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa - séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

¹² REVEL, Jacques. A História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 26.

¹³ REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. Op. cit. p. 22-23.

fatos, maior segurança e crescimento econômico.¹⁴ Levi utiliza muitos conceitos trabalhados por Fredrik Barth, como o de recursos, posição, estratégia e incerteza, além de estabelecer *modelos generativos*, com as estratégias dos arrendatários através da história de três famílias.

João Fragoso foi um dos principais historiadores a utilizar em suas pesquisas a abordagem micro-histórica. Em sua tese questionou os modelos clássicos de interpretação da história colonial que propunham a relação entre a colônia e a metrópole como de subordinação e domínio.¹⁵ O historiador destacou a capacidades dos colonos em negociar com a metrópole, portanto, rastreou as trajetórias dos atores envolvidos com a colonização, como a *nobreza principal da terra* e os comerciantes transatlânticos. Foi somente com a redução da escala de observação que as transformações ocorridas na capitania do Rio de Janeiro ao longo dos séculos XVII e XVIII puderem ser percebidas.

Foi com a utilização da micro-análise que demos “vida” à sociedade colonial. Porém, embora a possibilidade de aplicação da micro-história às pesquisas sobre a sociedade colonial sejam válidas, João Fragoso nos alerta,

*Por razões óbvias, a falta de corpus documentais que permitam o rastreamento “das pessoas” em suas múltiplas relações dificulta a análise das experiências sociais. Nestes casos, temos no máximo uma micro-história feia, tapuia, diferente da italiana.*¹⁶

De fato, a fragilidade dos arquivos brasileiros pode se tornar um empecilho para as pesquisas que tentam recuperar os acontecimentos da vida dos indivíduos, moradores nas colônias americanas, no Reino, na África e no Oriente. Para nós, historiadores do período colonial, se torna um desafio, e como afirmou Giovanni Levi, somos historiadores da incerteza.

É importante ressaltar que na pesquisa que desenvolvemos no mestrado, sobre as eleições na Câmara de São João Del Rei, entre 1730 a 1760, nos apropriamos das propostas da micro-história, por acreditarmos que, mesmo com as incertezas e percalços, precisamos de um método que nos auxilie, que nos permita enxergar as estratégias e conflitos dos indivíduos que compuseram a câmara no século XVIII, por isso o uso da micro-história se torna estratégico: ela nos dá os caminhos a serem perseguidos para respondermos tais questões.

Vejamos.

¹⁴ LEVI, Giovanni, *Op. cit.*, p. 167.

¹⁵ FRAGOSO, João. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992 e _____ & FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

¹⁶ FRAGOSO, João. Afogando em nomes: temas e experiências em história econômica. In: *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/ 7Letras, set. 2002, n.5, p. 41-70.

Em busca dos indivíduos que compuseram a Câmara de São João Del Rey, o *nome*¹⁷ possibilita-nos acompanhar a trajetória de vida de tais indivíduos. Nesse sentido, a leitura da documentação, Livro de Acórdãos e Termos de Vereança da câmara de São João Del Rei, os Inventários *post-mortem* e Testamentos dos oficiais e os manuscritos avulsos contidos no Arquivo Histórico Ultramarino, relativos a Minas Gerais vêm nos permitindo conhecer o nome, a naturalidade, a ocupação econômica, as patentes militares, as relações familiares desses homens, e até mesmo suas relações com as instâncias superiores de poder, como os governadores e o próprio Rei, assim como os conflitos e disputas com outras instâncias de poder, como os ouvidores¹⁸.

A noção de “estratégia” proposta por Fredrik Barth ajuda-nos a percebermos as atuações dos “homens bons” detentores dos cargos camarários nas suas redes de relações sociais estabelecidas com outros membros da elite local, assim como em relação à própria Coroa Portuguesa no que concerne a tentativa de alcançarem melhores posições sociais e também no alcance de melhores proventos para seus interesses particulares.

Como dito acima, tal noção considera uma sociedade na qual o sistema de normas encontra-se imerso em uma série de incoerências internas, portanto, o comportamento do indivíduo deixa de ser entendido como uma “consequência mecânica”, mas sim como parte integrante do processo dinâmico das transformações sociais.¹⁹ Desse modo, Barth percebe o indivíduo como um ator, capaz de realizar escolhas e tomar decisões.

A micro-história, com a utilização dos aportes teóricos de Barth, vem nos auxiliando porque permite pensarmos os oficiais camarários como atores, que efetuavam escolhas de acordo com seus recursos, limites e estratégias. Deste modo, um oficial pesquisado deixa de ser visto apenas como um oficial da câmara, e passa a ser entendido *como um indivíduo como ponto de encontro de várias relações sociais*, ou seja, um indivíduo que tinha alguma patente militar, era irmão na Ordem de São Francisco, padrinho de tal escravo, cunhado de outro oficial etc. É somente com a abordagem micro-analítica que conseguimos entender as interações sociais, os interesses que compartilhavam e as trajetórias de vida desses oficiais.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: _____ *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro, 1991, p. 172-175.

¹⁸ Sobre a documentação utilizada: os Livros de Acórdãos e Termos de Vereança se encontram depositados na Biblioteca Municipal Baptista Caetano, em São João Del Rei; tal documentação passa por processo de digitalização, estando disponível para consulta na Biblioteca da Universidade Federal de São João del Rei. Os Inventários e Testamentos se encontram no Arquivo do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), também em São João Del Rei. Os documentos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino estão disponíveis em CD-Room.

¹⁹ ROSENTAL, Paul André. “Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Fredrik Barth e a ‘microstoria’”. In: REVEL, Jacques (org.). Op. cit. p. 163-169.

Ao afirmar que as sociedades são sistemas desordenados²⁰, Barth considera os indivíduos em seus diferentes *papéis sociais*: é através da análise micro-analítica que conseguimos perceber esses diversos papéis que o indivíduo possui. Dessa forma, chegamos em mais uma conceituação do antropólogo, as *fronteiras*. Para tal, a existência de fronteiras é que vai definir esses papéis, ou seja, é a barreira de pertencimento ou não a um determinado grupo social, como exemplo, um oficial da câmara, considerado “principal da terra”, que se relaciona com seus vizinhos, parentelas, membros da sua irmandade, escravos e forros: o que vai constituir as relações entre esses grupos são as fronteiras existentes entre eles. Essas fronteiras são modeláveis de acordo com Barth, e se pensarmos numa sociedade de Antigo Regime nos Trópicos, hierarquizada e estamental, onde as normas não vigoram necessariamente com a legislação (como as Ordenações Filipinas), mas sim pelas práticas costumeiras e locais, entender as fronteiras definidoras das relações sociais se torna interessante e possível através da micro-análise.

Outra forma de apropriação das proposições micro-analíticas são os estudos de Barth sobre as sociedades, que tanto influenciaram os micro-historiadores. Barth ao estudar sociedades como Bali, na Indonésia e Sohar, em Oman, afirma que as sociedades são abertas. Mesmo que os indivíduos formadores dessas sociedades tivessem valores distintos, eles conviviam entre si, se relacionavam de alguma maneira, estabelecendo relações.

Em seus estudos, Barth encontrou diversos grupos convivendo em realidades multiétnicas ou poliétnicas: grupos sociais portadores de diferentes valores, uma sociedade complexa, como os grupos influenciados pela moderna educação ocidental, outros pelo islamismo, assim como outros praticantes do hindu²¹. Eram pessoas diferentes, com orientações valorativas próprias, mas que conseguiam se relacionar, com alguns padrões comuns. Um desses padrões se localizava no mercado da cidade: uma verdadeira “confusão” de línguas, povos, etnias e religiões convivendo, se relacionando²². Foi dessa maneira que João Fragoso utilizou a abordagem de Barth quando pensou nas sociedades coloniais:

*(...)basta lembrar das telas de Rugendas de princípio do século XIX. Nelas vemos aglomerados negros com trajes coloridos portadores de significados culturais e sociais africanos, assim como grupo de luso-brasileiros com indumentárias informadas pelos valores da Europa Oitocentista.*²³

²⁰ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, capítulo 5.

²¹ BARTH, Fredrik. *Sohar, culture and Society in an Oman Town*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1983.

²² Idem. p. 148-164.

²³ FRAGOSO, João. *Alternativas Metodológicas para a História Econômica e Social...* Op. cit. p. 34.

Da mesma forma, a sociedade que buscamos retratar em nossa pesquisa se compunha de diferentes grupos com orientações distintas, com percepções diversas, mas que tinham em comum o fato de viverem juntas. Não se trata de uma sociedade multiétnica ou poliétnica como a retratada por Barth, mas se trata de uma sociedade que em meados do século XVIII convive com uma grande parte da população escrava, vindos da África, com forros, que conseguiram a liberdade, com homens do Reino vindos em busca de enriquecimento, de ouro e mobilidade, de naturais da Vila de São João del Rei, os filhos e netos dos primeiros povoadores, entre tantos outros que se instalaram na região das Minas. São atores históricos que convivem numa sociedade de Antigo Regime, com a concepção corporativa de sociedade. Desta maneira, as proposições de Barth e a micro-análise nos ajudam a responder as questões: como essas pessoas conseguiam conviver em meio a tanta diversidade? Quais as interações, conflitos e jogos que estes indivíduos desenvolviam para conseguirem diminuir suas incertezas e imprevisibilidade frente às situações de dificuldade?

Giovanni Levi, em mais um estudo micro-histórico, nos apresenta a história de Felizzano, região no Piemonte, no século XVIII. Ao estudar as relações entre o centro e a periferia do Estado absolutista nessa região, Levi retratou as relações entre os nobres e camponeses e mostrou-nos que os elos clientelares que os ligavam promoviam a acumulação de riqueza e a mobilidade social dos últimos, e a queda e a falência de alguns nobres²⁴. Em seu texto retrata a história de vida de três personagens do período. O primeiro é Francesco, um nobre que perde tudo ao melhorar sua condição social ainda mais: Levi nos mostra as três ações de Francesco para tentar adquirir prestígio, como construir um palácio, comprar um feudo e estabelecer relações pessoais com os camponeses, uma forma de criar redes clientelares dentro dessa estrutura hierárquica. Com a história de Francesco, Levi nos aponta que nem sempre as histórias acabavam bem, as falências e “quedas” sociais também faziam parte das trajetórias individuais, que estratégias podiam dar erradas, como foi o caso de Francesco, e somente com o auxílio da micro-história que Levi conseguiu capturar essas relações, os indivíduos se relacionando (como é o caso de Francesco com os camponeses), e a própria mobilidade social. Com as outras histórias apresentadas, Levi apresenta a transição para o capitalismo nessa região, recuperando trajetórias sociais, as relações clientelares e pessoais envolvidas em tal processo.

²⁴ LEVI, Giovanni. *Centro e Periferia di uno Stato Assoluto*. Turim: Rosenberg & Seller, 1985, p. 150-60.

Por tal estudo, Giovanni Levi nos apresentou algumas questões interessantes para nossa pesquisa: como funciona o sistema de transmissão de terras? E o sistema de parentela? De acordo com Levi, ao fazermos essas perguntas ao nosso objeto de pesquisa, conseguiremos perceber quais são os valores e sentidos que regulam e norteiam a sociedade em questão. A formulação de Barth quanto ao processo generativo fica aqui clara em Levi, quais são e como as regularidades são geradas?

O último micro-historiador a ser apresentado é Edoardo Grendi. Em seu trabalho sobre Polanyi, o micro-historiador analisa as possibilidades de ligação entre a História e a Antropologia. A partir das observações teóricas de Karl Polanyi, Grendi se contrapõe ao modelo marxista e percebe o quanto a antropologia pode nos mostrar caminhos teóricos para o desenvolvimento da pesquisa histórica.

A obra de Polanyi, “A Grande Transformação”, busca evidências na história e na antropologia para demonstrar que a atividade econômica sempre esteve, no passado, integrada e envolvida pelas *relações sociais*. A teoria econômica liberal do século XIX difundiu uma idéia de que o enriquecimento individual era uma característica “natural” dos homens. Em resposta a tal consideração, Polanyi nos apresentou o homem não como um ser *econômico*, mas como um ser *social*. Deste modo, fundamentos como redistribuição, reciprocidade e domesticidade sempre fizeram parte dos sistemas econômicos, “e o lucro não ocupava lugar proeminente.”²⁵ Foi somente com o desenvolvimento de uma economia de mercado, no século XIX, que o lucro passou a ter espaço central na vida das pessoas.

Grendi, embebido com essas noções antropológicas, afirma que é fundamental entender o mecanismo do sistema patrimonial da sociedade européia camponesa. Para os camponeses os recursos são escassos, a sua sobrevivência depende dos acertos e estratégias que ele toma, e a transmissão de bens, de terras, de uma geração de camponeses para outra se torna essencial, não podendo haver erros²⁶. Ao usar como ferramenta de trabalho, a micro-história, Grendi segue passos interessantes em seu trabalho: inicialmente a *família ou unidades domésticas*, a qual serve como unidade para os indivíduos, local onde as relações parentais acontecem. Ao trabalhar com a unidade doméstica devemos nos ater às relações de vizinhança, portanto, entender as expressões que denotam o sistema familiar do objeto de estudo se torna essencial, as relações de vizinhança entre as unidades domésticas reproduzem a própria *comunidade*, que é o segundo passo de Grendi: “a proposta que desenvolvemos é

²⁵ POLANYI, Karl, A Grande Transformação. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

²⁶ GRENDI, Edoardo. “La micro-analisi: fra antropologia e storia”, in: *Polanyi: dall’antropologia economica alla microanalisi storica*. Milão: EtasLibri, 1978. Capítulo 4.

*aquela de um procedimento “micro” da unidade doméstica ao “macro” da sociedade mais ampla, através da comunidade como forma de agregação sócio-espacial.”*²⁷ Na comunidade as relações sociais acontecem, não apenas relações entre iguais (horizontais), mas também relações hierárquicas, excludentes (verticais).

Nessa mesma linha, Grendi acredita que devemos ultrapassar a unidade doméstica e chegarmos à comunidade, e o espaço de relação onde isso é possível é o *mercado*. É através dele que poderemos perceber quais são as características das relações existentes entre o indivíduo, a família, a comunidade e a sociedade mais ampla. Deste modo, os sujeitos que desempenham papel essencial no mercado, como os mercadores, negociantes, seriam como elos entre as instâncias recortadas por Grendi. O tema do mercado fica personalizado no grupo social dos *BROKERS*, isto é, mediadores entre as comunidades e as sociedades mais amplas²⁸. Com a exemplificação dos estudos sobre mercado, Grendi introduz um princípio fundamental: a história da comunidade não pode ser explicada sem transcendê-la, portanto, nas suas relações com as sociedades mais amplas.

Grendi busca subsídios teóricos na obra de Polanyi, mas acredita que quem fornece os caminhos, a metodologia é a micro-história. Ao perceber a realidade social impregnada de diversos fatores, como os econômicos, sociais, culturais, a antropologia, e mais precisamente Polanyi, forneceu-nos discussões interessantes para pensarmos a sociedade colonial de Antigo Regime: a primazia do econômico, assim como a expansão e o predomínio do mercado, são fenômenos essencialmente modernos, que não aparecem em qualquer período da história. Assim, nas sociedades pré-industriais são as relações de clientela e parentesco que vão moldar os processos sociais²⁹.

Ao buscarmos entender a composição de uma das instituições mais importantes do Império português, as indicações metodológicas apresentadas por Grendi se tornam importantes. O indivíduo nessa sociedade com valores típicos do Antigo Regime, deve ser percebido na sua relação com a sua unidade doméstica, portanto, se faz necessário reconhecer que tipo de família é essa, na relação com a comunidade e na instância que vincula essas relações. Para a pesquisa que desenvolvemos, buscar entender os oficiais camarários nessas

²⁷ Idem. p. 95.

²⁸ Ibidem, p. 139-141.

²⁹ É importante frisar que, como nos alerta João Fragoso, é necessário tomarmos alguns cuidados, pois a economia, independente de suas relações sociais, é sempre produção e reprodução de riqueza. Kula alerta-nos para o fato de que, mesmo nas sociedades onde o prestígio tinha grande importância para o funcionamento da economia, as contas deviam estar equilibradas. KULA, Witold. *Teoria econômica do sistema feudal*, Lisboa: Ed. Presença, 1979.

diferentes “unidades” nos proporciona percebê-los nas suas relações de parentesco, como o caso de irmãos exercendo cargos na Câmara; clientelares e de vizinhança, como a ligação entre os oficiais no que tange suas rendas econômicas; as relações com os escravos e forros, como os apadrinhamentos, vão nos informar sobre a comunidade pesquisada. Como para Grendi, é necessário ultrapassar o âmbito da comunidade, desse modo, as relações com as instâncias consideradas superiores, como os oficiais e os conflitos com o ouvidor, a relação com o governador e o próprio rei poderá nos ajudar nessa empreitada.

Conclusão

As proposições teórico metodológicas da Micro-história italiana tem servido muito aos historiadores que estudam o período colonial brasileiro: foi com essa prática de pesquisa que conseguimos superar explicações baseadas em modelos estruturantes da sociedade, modelos *macros*, para chegarmos às inquietações, escolhas, incertezas e estratégias dos atores sociais desse período. A influência da Antropologia, mais especificamente o antropólogo Fredrik Barth, também ajudou-nos a entender as dinâmicas das transformações sociais. E desta maneira, Giovanni Levi e Edoardo Grendi com suas obras micro-analíticas se tornaram referência.

A pesquisa que desenvolvemos no mestrado em História Social se alimenta dessas discussões teórico-metodológicas. Através da análise micro conseguimos unir aspectos teóricos essenciais da pesquisa com a prática historiográfica. Seguir trajetórias individuais não significa que estamos deixando de lado a sociedade, pois uma análise histórica deve se fundamentar principalmente na inter-relação entre os níveis individuais e coletivos, e é através do nível micro que isso se torna possível.

Bibliografia

ALMEIDA, Carla M. Carvalho, OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Nomes e Números: alternativas metodológicas para a História Econômica e Social. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra-capla, 2000.

_____. *Process and form in social life*. Vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

_____. *Sohar, culture and Society in an Oman Town*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1983.

FRAGOSO, João & GOUVÊA, BICALHO, Maria Fernanda Baptista & GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa - séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

_____. & FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

_____. Afogando em nomes: temas e experiências em história econômica. In: *Topoi*: Revista de História. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/ 7Letras, set. 2002, n.5, p. 41-70.

GRENDI, Edoardo. “La micro-analisi: fra antropologia e storia”, in: *Polanyi: dall’antropologia economica alla microanalisi storica*. Milão: EtasLibri, 1978.

_____. *Il Cervo e la repubblica. Il modello ligure di antico regime*. Milão: Einaudi, 1992.

GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: _____ *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro.

_____. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

KULA, Witold. *Teoria econômica do sistema feudal*, Lisboa: Ed. Presença, 1979.

LEVI, Giovanni. “Regiones y Cultura de las clases populares”, in: *Relaciones – Estudios Historia y Sociedad*, 94, vol. XXIV Michoacán, México, 2003.

_____. *A Herança Imaterial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Centro e Periferia di uno Stato Assoluto*. Turim: Rosenberg & Seller, 1985.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. *A Micro-história italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

POLANYI, Karl, *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998,